
ARTIGO

GRAMSCI,
A QUESTÃO
MERIDIONAL E
O FASCISMO:
uma abordagem
historiográfica

ENRIQUE PEREGALLI

"A questão camponesa está na Itália historicamente determinada"

Antonio Gramsci
(*"Alguns temas da questão meridional"*)

Crespi e o Partido da Ação, sem apoiar-se especificamente em nenhuma classe social, utilizaram-se de um "jacobinismo retórico" para agitar a bandeira da "unidade italiana". Na verdade, este processo foi guiado pelos Moderados, grupo social homogêneo sem grandes oscilações, dirigidos pelos "intelectuais condensados": latifundiários e industriais autôres apresentavam-se no cenário político.

Quebrando os mercados locais, abolindo alfândegas internas, impondo tarifas protecionistas, unificando os impostos, estendendo a Lira como moeda única, assentando a rede ferroviária, criaram-se as condições para o desenvolvimento industrial do norte, sob o nome da unidade italiana.

O sul teve condições de efetuar uma acumulação de capitais após o ano de 1850, aplicando uma política de baixos salários, estagnação dos preços dos gêneros alimentícios, alargamento do mercado de trabalho, restrições ao consumo e incentivos à poupança.

A crise agrícola de 1880 favoreceu os investimentos de capitais no surto industrial do norte, mas esta acumulação foi insuficiente para criar uma indústria nacional.

O norte não se industrializou mediante uma evolução interna, mas sim pela implantação de uma grande indústria (fundamentalmente siderurgia e metalurgia) através da abertura da Itália ao capital estrangeiro, sob a liderança alemã.

Historiadores contemporâneos fizeram o que Gramsci não tinha condições de relizar: pesquisas empíricas que delimitassem o conceito do sul agrário e do norte industrial. Não há dúvidas que nos primeiros decênios da unificação, a indústria têxtil ligada à agricultura -principalmente o cânhamo- representou na Itália meridional uma atividade de primeira importância para as populações do campo.

Ao mesmo tempo que se promovia a acumulação de capitais, pacificava-se o mezzogiorno, criando-se o mito da terra fácil na aventura colonial sobre a Etiópia; colonialismo "emocional e retórico": a Itália não tinha as mínimas condições infra-estruturais para tal empreendimento. Apesar de desviar capitais, foi o preço pago para a continuação do projeto de unidade italiana.

OS "BLOCOS" DO PODER

Giolitti (1903-1913) procurou construir um bloco capitalista-operário contra as forças agrárias, tentativa que terminou por converter-se num obstáculo para o próprio desenvolvimento do capitalismo na Itália.

O Partido Socialista se transformara num instrumento da política giolittina, política reformista em relação aos salários e à liberdade sindical, continuadora da centralização administrativa e do protecionismo alfandegário.

O P.S. incorporou a ideologia burguesa, não se apresentando como uma classe que devia dirigir o operários e camponeses, aceitando que os meridionais fossem biologicamente inferiores.

Este entrave político ao capitalismo foi eliminado após 1910, quando se estruturou uma nova a-

liança entre burguesia e católicos, com ideologia que aglutinava os representantes camponeses da Itália setentrional e central. As tensas relações existentes entre o Estado italiano e o Vaticano, resultado da expropriação de seus extensos latifúndios em 1876, tranquilizaram-se.

O Bloco Agrário foi formado por uma grande massa de camponeses amorfa e desagregada, unida aos intelectuais da pequena e média burguesia e os grandes proprietários.

Estes intelectuais -geralmente proprietários de pequenas parcelas de terra- serviram como nexo entre o proprietário rural e a massa camponesa. Fornecendo a maior parte do pessoal estatal, também se constituíram em intermediários entre os camponeses e a administração central.

Ao mesmo tempo que os "representavam", assimilaram uma âspera aversão pelo camponês trabalhador; ficaram com medo frente à sua pobreza e à sua violência destruída.

Os grandes proprietários centralizaram e dominaram o campo político e o campo ideológico, impedindo que as rachaduras do bloco agrário se tornassem perigosas, a ponto de provocar seu desmoronamento.

Mas a guerra introduziu um novo elemento no Mezzogiorno: os ex-combatentes da primeira guerra mundial, camponeses-soldados e intelectuais-oficiais, calculados em uns 160.000.

*O FASCISMO: DISCUSSÃO
HISTORIOGRÁFICA (Otto Bauer,
Macciocchi e Paul Sweezy)*

Estes autores concordam que o fascismo é um fenômeno de pós-guer-

ra. Concordam que nesta época existia um equilíbrio de forças: a burguesia não era capaz de impor sua vontade, e o proletariado não conseguia libertar-se do domínio burguês.

Para Bauer, o "comportamento fascista" começou nos "despossuídos" (los desclasados), homens de todas as classes que a guerra privou de sua vida burguesa. Criaram então um sentimento de frustração anti-democrática por uma República que nada fez por eles, um sentimento frente aos grandes capitalistas que se aproveitaram da guerra para enriquecer-se ainda mais, uma aversão ao proletariado, que mediante o reformismo socialista conseguiu uma melhor situação econômica.

Seu grito de vingança uniu-se ao nacionalismo de uma intelectualidade que abandonou as esperanças democráticas. Esta intelectualidade de pequeno-burguesa colocou os "despossuídos" em contato com a classe média, setor mais prejudicado pela crise econômica de pós-guerra, de pouca coerência e resistência. O perigo da proletarianização os assustava.

Junto com camponeses na miséria formaram as milícias fascistas pararmilitares que quebraram a espinha dorsal do movimento operário: seus sindicatos, suas greves, seus jornais... A aguda crise econômica levou as massas ao fascismo, abandonando os partidos tradicionais. Os fascistas romperam o equilíbrio a favor do capitalismo.

Para Sweezy, o fascismo é um fenômeno típico da classe média, essência do apoio popular, atraindo os chamados "lumpemproletariados" e a "jovens de todas as classes que vêm na sua frente parcas oportunidades de uma carreira normal".

Por sua vez, Macciocchi faz referência a duas instâncias sucessivas: um fascismo agrário reelaborado pela pequena burguesia. Seu fascismo acompanha algumas idéias elaboradas por Gramsci: utilização dos ex-combatentes nas brigadas Sassani para reprimir os proletários de Turim, aversão do burguês pelo trabalhador camponês... Os ex-combatentes passariam a formar parte das milícias fascistas, utilizadas para expulsar camponeses das terras do sul da Itália, reaproveitados no norte para reprimir movimentos operários.

Para Bauer, existiria um processo na ascensão do fascismo: as milícias fascistas foram utilizadas para acabar com a organização proletária. Conseguindo o apoio das massas, assumiram o poder, ultrapassando o controle capitalista sobre o movimento. Uma vez no poder, extirparam o utópico capitalismo pequeno-burguês.

Sweezy colocou a pequena burguesia aliada ao capital monopolista, cumprindo dois objetivos: estabelecer um estado forte e dominar a classe operária, ao mesmo tempo que tentava ampliar seu "espaço vital" às expensas das potências capitalistas rivais.

Os expurgos apontados por Bauer não seriam mais que representações das contradições internas do capitalismo. Pense-se na elimi-

nação da SA pela SS. A economia de guerra, em íntima relação com a expansão militante fascista, exigia o abandono do ideal pequeno-burguês em benefício de outros setores capitalistas.

O fascismo de Sweezy se esvaía a medida que nos separamos da Alemanha e da Itália. Macciocchi afirma o contrário: a ideologia fascista anda solta pelo mundo, "ainda que não se concretize sob a forma de direção".

Faltaria justificar o discurso de Gramsci, interligando seus textos com a luta anti-fascista; discutir "seu momento político" e as circunstâncias históricas que o levaram a plantear a questão meridional, e ainda, quais foram as relações entre as frações políticas do P.P., do P.S.I. e do P.C.I. com as questões do sul, face ao advento do fascismo.

* * * * *



Gramsci

O QUE É FASCISMO ?

BAUER	MACCIOCCHI	SWEEZY
Ideologia pequeno-burguesa utilizada e financiada pelos capitalistas e grandes proprietários.	<i>Ideologia de massa pequeno-burguesa, aliada pelo bloco industrial e proprietários de terras.</i>	Movimento pequeno-burguês aliado ao capital monopolista.

BIBLIOGRAFIA

GRAMSCI, Antonio: "El 'Risorgimento'", Buenos Aires, Ed. Granica, 1974

BAUER, Otto e outros: "Fascismo e Capitalismo", Barcelona, Gráf. Diamante, 1972

SWEEZY, Paul: "Fascismo", in "Teoria do desenvolvimento capitalista", Rio de Janeiro, Zahar, 1976

MACCIOCCHI, Maria Antonieta: "A favor de Gramsci", Ed. Paz e Terra, 1980

SERENI, Emilio: "Il capitalismo nelle campagne (1860-1900)", Torino, Giulio Einaudi editore, 1968.

